



PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA APONTA PARA TENDÊNCIA BIOLÓGICA

PESQUISA MOSTRA MAIOR INFLUÊNCIA DA USP E OUTRAS PÚBLICAS NA
PUBLICAÇÃO DE ESTUDOS CIENTÍFICOS

Rodolfo Menezes e Julio Serrão

Foi feita uma análise das distribuições em abordagens disciplinares dos artigos publicados e das instituições de ensino superior (IES) que mais publicaram na Revista Paulista e Revista Brasileira de Educação Física e Esporte no período de 1996 a 2007 para discutir a produção do conhecimento em Educação Física.

A Revista Paulista de Educação Física e Esporte passou a ser intitulada Revista Brasileira da Educação Física e Esporte a partir de 2004 e, desde sua origem em 1986, é o periódico multidisciplinar mais tradicional do Brasil. Além disso, é classificado como *Qualis "C" Internacional* pelo portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Os artigos, total de 295, foram divididos nas seguintes abordagens disciplinares: biológica, sócio-antropológica, pedagógica, psicológica, treinamento esportivo, administrativa e filosófica, além da categoria outra para aqueles que não se enquadravam em nenhuma abordagem. Além disso foi feita a distribuição por instituição de publicação dos estudos, afim de verificar quais IES que tinham maior contribuição científica na área.

As abordagens biológica e pedagógica tiveram maior número de publicações, com, respectivamente, 33% e 22% do total. Ficaram atrás a sócio-antropológica, 13%, treinamento esportivo

(11) psicológica (8%) filosófica (4%) e administrativa (1%).

O grande número de artigos nas abordagens biológica e pedagógica pode estar associado à fatores históricos relacionados à consolidação e formação da área.

A educação física, enquanto área do conhecimento, sofreu grande influência higienista, militarista e esportivista. Essas concepções relacionavam a educação física fortemente com a área das ciências naturais.

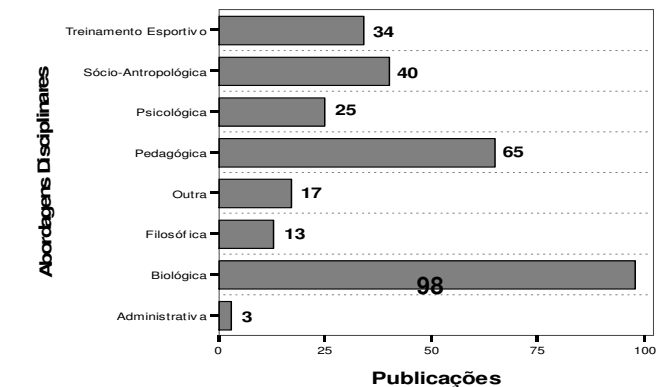
A grande preocupação com área pedagógica se deve ao fato de que, por muito tempo, se acreditava que a função única e específica da educação física era de formar professores para atuarem no ensino formal.

Os menores percentuais de publicações nas áreas filosófica, psicológica e sócio-antropológica pode ser associado ao fato de que sua consolidação científica ainda está em curso no Brasil.

Já com relação aos grupos que publicaram, ao todo foram 79 IES diferentes no período, dentre elas 67 são brasileiras.

Das instituições brasileiras, a USP foi a que se destacou, com 58% das publicações nacionais. Em seguida, tiveram representatividade a UNESP e a UFRGS, com 16% e 8%, respectivamente, do total brasileiro.

No site do portal da CAPES podemos ver dados semelhantes. A CAPES analisa trienalmente a produção



científica da área e a USP também está liderando a produção científica total, seguida pela UNESP e pela UFRGS.

Com relação às IES internacionais, percebeu-se que as instituições portuguesas predominaram nas publicações no período, pois a Universidade do Porto e o Instituto Politécnico de Bragança têm juntos 70% dos artigos, sendo que a primeira sozinha já conta com 60%.

O número expressivo de publicações internacionais da Revista faz com que seja necessário refletir se sua relevância internacional é realmente o que os dados mostram ou se a afinidade lusófona faz com que os artigos internacionais tenham grande porcentagem.

A partir desses dados, vê-se que o perfil das publicações em educação física não sofreu sensível modificação nos anos analisados, sendo que a área tem tendência a ter um caráter

biológico e pedagógico. Além disso, a USP domina a produção e divulgação científica na área, dando margem a reflexões sobre a política de incentivos a pesquisa de outras instituições públicas e particulares.

NESTA EDIÇÃO:

<i>Entrevista CREF</i>	2
<i>Ensaio: Pullover</i>	3
<i>PET em foco</i>	4
<i>Poluição nas Olimpíadas</i>	4
<i>Lei seca no trânsito</i>	4
<i>Tirinha</i>	4

Paula Avakian

ENTREVISTA

Prof. Emerson Franchini conta experiência na China durante Jogos Olímpicos

Emerson Franchini

Bacharel em Educação Física pela EEFÉ-USP

Doutor em Educação Física pela EEFÉ-USP

Professor do Departamento de Esporte da EEFÉ-USP—disciplina de Judô

Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate da EEFÉ-USP

Primeiro Secretário da Internacional Association of Judo Researches

Autor de vários livros sobre judô

PET: O que o levou à terra dos Jogos Olímpicos?

Bom, eu fui participar de um congresso pré-olímpico de judô em Nanjing. Houve boatos de que o evento não aconteceria este ano, mas um amigo me ligou avisando que de fato teria o congresso. Aí procurei na Internet e achei, vi que tinha prazo para mandar trabalho. Houve com isso grande possibilidade de interação; foi uma experiência interessante. Além da ida ao Congresso, já pensava na participação nos Jogos Olímpicos de um dos atletas que eu estava trabalhando, então aproveitei a oportunidade e fui para Beijing.

PET: Tendo a oportunidade de prestigiar parte das competições, o que você tem notado de diferente em relação a Jogos Olímpicos anteriores?

Em loco, eu só tive outra experiência que foi em Sidney, também nas competições de judô. Do ponto de vista da organização, eu não senti diferença muito grande entre Sidney e Beijing; basicamente o único problema é da dificuldade dos voluntários chineses (não os que ficavam nos locais das competições) em se comunicarem em inglês. Os procedimentos foram praticamente os mesmos de Sidney em termos de controle e segurança. Os chineses também são pessoas muito receptivas. Os chineses prepararam os jogos *para eles*; percebi que muitas pessoas do interior foram a Beijing para prestigiar os jogos, lotando com isso alguns setores. O preço dos ingressos estava também bem acessível, mesmo que sua compra tenha sido dificultada pela Internet.

PET: Você pôde perceber nesse tempo na China políticas de incentivo à atividade física?

Vi parques e praças com estações e equipamentos rústicos, pessoas fazendo atividades ou jogos. Esse tipo de criação é

uma política que faz parte da política deles, e eu tive a oportunidade de visitar o Instituto de Esportes de Nan-

jing que é algo impressionante para quem quer ficar bem posicionado no quadro de medalhas e vencer como eles venceram, parece ser o caminho. Na nossa visita não comentaram sobre o ingresso

no Instituto, mas parece haver um tipo de seleção. O Instituto deve ter 1/3 da cidade universitária.. Os prédios eram enormes para cada modalidade, varias quadras ou lugares de treinamento, além de cursos profissionalizantes voltados para a comunidade. Uma estrutura gigantesca. Existe um museu para cultuar essas conquistas, referência de nove campeões olímpicos de lá, uma coisa que marcou muito foi que eles já tinham um espaço reservado para as conquistas desses Jogos.

PET: O que você acha que será feito com as instalações após os Jogos?

O que eu vi lá, nos locais que visitei, foi que eles tentaram vincular as estruturas às universidades, o que é uma garantia de uso posterior. Como por exemplo, o ginásio onde foi a competição de judô e posteriormente Taekwon-

do é dentro da Universidade de Ciência e Tecnologia de Beijing. O ginásio certamente será de bom uso para a Universidade. Esse ginásio estava localizado a 100m dos dormitórios da Universidade. Não sei como o Ninho de Pássaro e o Cubo d'água serão utilizadas, mas numa sociedade como a deles, com competições constantemente, não creio que tenham muita dificuldade em utilizar o espaço.

PET: Em sua opinião, o que está faltando para os atletas brasileiros em termos de incentivo para melhorar o desempenho nas competições?

Acho que é o de sempre, eles têm apoio no ano olímpico, o que não é demonstrado nos anos anteriores. Outra coisa essencial é a manutenção de mais de uma

equipe de alto rendimento. Um exemplo disso foi o que aconteceu com a atleta de judô que se machucou antes da estréia dos jogos e com isso não teriam como preparar a reserva a tempo das competições. Exemplo oposto é o caso de Cuba, onde a bicampeã mundial do país desertou em maio; levaram a reserva da categoria e esta foi vice-campeã olímpica. Isso demonstra que não é o investimento exclusivo da atleta, e sim a estrutura do clube que mantém o atleta nesse nível elevado ou é uma estrutura que ele próprio cria, com preparador físico, equipe médica, para realizar seu sonho. Aqui, se perdermos alguns atletas de 1º nível, não temos em prazo alguém preparado para representar o Brasil. Não que nós não tenhamos talento; nós não temos pessoas que estejam recebendo um tratamento adequado.

PET: Comente o trânsito na China.

Tive muita dificuldade com o trânsito em Nanjing, local do Congresso; estava como provavelmente era em dias normais. Então os semáforos não são respeitados. Eles andam muito de motos, scooter e bicicletas, por isso há uma faixa especial para esses veículos, que geralmente também não seguem os semáforos. Os estacionamentos que eles fazem são próximos às calçadas e é freqüente vê-los andar em cima delas. Em Beijing, fizeram um rodízio todo especial e com isso não tive problema no trânsito.

"(...)uma coisa que marcou muito foi que eles já tinham no museu (do Instituto de Esportes de Nanjing) um espaço reservado para as conquistas desses Jogos."

" (...) não é o investimento exclusivo da atleta, e sim a estrutura do clube que mantém o atleta nesse nível elevado ou é uma estrutura que ele próprio cria, com preparador físico, equipe médica, para realizar seu sonho."

ENSAIO

AVALIAÇÃO DAS DISCIPLINAS DA EEFE-USP

Mayara Santos e Andrea M. Freudenheim

Com a implantação, em 1992, dos cursos de Bacharelado em Educação Física e Bacharelado em Esporte na EEFE-USP, houve grandes mudanças na estrutura curricular, acarretando na subdivisão das disciplinas nos blocos de Dimensões das Ciências Humanas (Dimensões Históricas, Filosóficas, Psicológicas, etc.); Disciplinas de Síntese (EF para adultos, idosos, adolescência e infâncias); e de Fundamentação (Fisiologia, Biomecânica, Aprendizagem Motora, etc.).

Entretanto não houve um acompanhamento dessa nova estrutura curricular, no sentido de avaliar se estava de acordo com as expectativas. Só em 2005 foi implantada, pela iniciativa da Comissão de Graduação (CG), a primeira avaliação sistemática de todas as disciplinas oferecidas pela EEFE-USP.

Essa avaliação consiste num questionário aplicado semestralmente aos alunos de graduação com o objetivo de avaliar detalhadamente a qualidade do ensino da disciplina, bem como sua relevância na formação profissional, além de outros aspectos organizacionais. A aplicação e o

recolhimento do questionário ocorre conforme protocolo da CG. A tabulação dos dados é feita pela FUVEST, que encaminha os resultados à CG.

"Só em 2005 foi implantada, pela iniciativa da Comissão de Graduação (CG), a primeira avaliação sistemática de todas as disciplinas oferecidas pela EEFE-USP."

Os resultados têm sido utilizados como feedback para os departamentos e docentes sobre as disciplinas oferecidas, sendo, portanto encaminhados aos departamentos com solicitação de manifestação. E os coordenadores de curso são responsáveis por analisar as avaliações e conversar individualmente com os docentes nos casos em que as disciplinas obtêm notas muito abaixo da média, a fim de discutir os pontos críticos da avaliação propondo melhoras.

Além disso, os resultados também são úteis para efetuar alguns estudos que dizem respeito ao currículo implantado em 1992. Como por exemplo,

"Assim, o bloco Dimensões se destaca por apresentar, em relação aos demais, média e notas mínima e máxima inferiores e desvio padrão superior; e, o bloco Síntese se destaca dos demais por apresentar menor variabilidade (DP). Nesse sentido, considerando as limitações inerentes a uma análise descritiva, pode-se concluir que os graduandos do BEFUSP, 2006, consideram que a qualidade das disciplinas de Síntese se assemelha às do bloco mais tradicional (Fundamentação) e que o bloco Dimensões, ainda representa um desafio."

uma análise desses três blocos de disciplinas considerando as avaliações do ano de 2006 no curso de Bacharelado em EF. As médias apresentadas foram: para o bloco de Fundamentação 3,90 (DP=0,61), sendo 2,59 mínima e 4,69 máxima, do bloco Dimensões 3,31 (DP=0,97), sendo 1,98 mínima e 4,60 máxima, e, a média do bloco Síntese foi de 3,89 (DP=0,49), sendo 2,83 mínima e 4,56 máxima. Assim, o bloco Dimensões se destaca por apresentar, em relação aos demais, média e notas mínima e máxima inferiores e desvio padrão superior; e, o bloco

Síntese se destaca dos demais por apresentar menor variabilidade (DP). Nesse sentido, considerando as limitações inerentes a uma análise descritiva, pode-se concluir que os graduandos do

BEFUSP, 2006, consideram que a qualidade das disciplinas de Síntese se assemelha às do bloco mais tradicional (Fundamentação) e que o bloco Dimensões, ainda representa um desafio.

Portanto, nota-se que as avaliações tem sido úteis à EEFE em duas frentes: como subsídio para a discussão individual com os docentes visando possíveis melhorias no ensino e para a análise do currículo de uma forma geral.

Andrea Michele Freudenheim

Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela EEFE-USP

Mestrado em Educação Física pela EEFE-USP

Doutor em Educação Física pela EEFE-USP

Professora do Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da EEFE-USP — disciplina de Educação Física na 2ª Infância

Membro do Laboratório de Comportamento Motor (LACOM) da EEFE-USP

Eventos

Paula Avakian

Acontecerá de 4 a 6 de setembro no Transamérica Expo, em São Paulo, a 9ª edição da **IHRSA/FITNESS BRASIL AMERICAN CONFERENCE & TRADE SHOW**. O evento é considerado o maior encontro de negócios em fitness e bem-estar da América Latina. O evento é destinado aos profissionais das áreas de atividade física e esporte, incluindo proprietários de academias e fabricantes de equipamentos.

O episódio contará com duas atrações principais, como nos anos anteriores. A primeira delas é uma *Conferência* acerca de assuntos econômicos atuais e técnicas de gerenciamento, administração, marketing e vendas, workshops de alto nível técnico e clínicas práticas para experimentação de novos métodos e equipamentos.

Em paralelo ocorre o *Trade Show*, com diversos segmentos dispostos em uma área de 15.000 m² que apresentarão as principais marcas nacionais e internacionais de produtos e serviços de fitness e bem-estar - Acessórios aquáticos e de ginástica; Alimentos; Armários; Arquitetura; Artes Marciais/Boxe; Associações; Audiovisual; Avaliação Física; Bebidas; Consultorias; Engenharia; Equipamento para Spas, cardiovasculares, estéticos, de fisioterapia e de musculação; Fitness para crianças; Franquias; Freqüencímetros; Isotônicos; Laboratórios; Lavanderias; Livrarias, Manutenção de academias, de equipamentos; Pilates, Yoga, Alongamento; Pisos; Programas e certificações; Publicações; Sistemas de acesso, Softwares, Spas/Produtos, Suplementos, Vestuário e Uniformes.

As inscrições para a *Conferência* podem ser realizadas pela internet ou através da ficha de inscrição. O convite para o *Trade Show* pode ser adquirido também via internet, sendo que a não apresentação do mesmo implica na cobrança de uma taxa de R\$20,00.

Serviço: Dias 4, 5 e 6 das 12h às 21h.

TRANSAMÉRICA EXPO CENTER

Avenida Dr. Mário Villas Boas Rodrigues, 387 - Santo Amaro - São Paulo

Jogos Para-Olímpicos “Um mundo, um sonho, nenhum limite”

Aline Toffoli Martins

As Paraolimpíadas são o equivalente aos Jogos Olímpicos, porém, destinados a atletas com deficiência visual, física ou mental, este último, pelo menos, até o ano 2000. A partir desta época, em que aconteciam as Paraolimpíadas de Sidney, o Comitê Olímpico Internacional decidiu que não haveriam mais provas para deficientes mentais promovidos pela entidade. Na época, a decisão estava prevista até as olimpíadas de Pequim, devendo ser discutida após os jogos de 2008. Isso se deu devido a um jornalista espanhol, que se fez passar por um atleta com deficiência mental, integrando a delegação de basquete do país.

Os Jogos sempre ocorrem nas mesmas instalações que acomodam as Olimpíadas. Este ano, em Pequim, entre os dias 6, cerimônia de abertura, e 17 de setembro, encerramento, ocorrem estando prevista a participação de mais de quatro mil atletas de diversos países, inclusive o Brasil.

O basquete em cadeira de rodas foi o primeiro esporte paraolímpico e surgiu após a II Guerra Mundial para reabilitar soldados. No Brasil, a primeira seleção foi formada na década de 50. A primeira edição dos jogos ocorreu em 1960, na cidade de Roma, Itália, organizada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional), tendo a participação dos seguintes esportes: esgrima, basquete, atletismo, tênis de mesa e arco-e-flecha. Hoje, são modalidades esportivas paraolímpicas: atletismo, bocha, remo (primeira participação este ano), basquetebol em cadeira de rodas, ciclismo, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5 jogadores, futebol de 7 jogadores, goalball, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rugby em cadeira de rodas, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, tiro, vela e voleibol. Atualmente, os Jogos Paraolímpicos são organizados pelo Comitê Paraolímpico Internacional (CPI).

Os últimos Jogos aconteceram em Atenas e o Brasil conquistou 14 medalhas de ouro (7 na natação, 5 no atletismo, 3 no judô e 1 no futebol de 5), 12 de prata (6 no atletismo, 3 na natação, 2 no judô e 1 no futebol de 7) e 7 de bronze (5 no atletismo, 1 na natação e 1 no judô).

Atletíssimos

Cada atleta paraolímpico tem uma história de superação marcada em sua vida.

fizeram isto com muita classe que até chegamos a esquecer que estes campeões possuem alguma deficiência na hora em que observamos seus títulos:

Clodoaldo Francisco da Silva bateu o recorde e conquistou 6 medalhas de ouro na natação. Nasceu em Natal/RN, em 1979. Deficiente físico, em razão de paralisia cerebral.

Roseane Ferreira dos Santos, ou Rosinha, ganhou 3 de ouro no Mundial da Nova Zelândia em 1999, 2 de ouro nas Paraolimpíadas de Sydney em 2000. Em Atenas, alcançou o recorde mundial no lançamento do disco. Aos dezoito anos perdeu a perna esquerda quando um motorista de caminhão alcoolizado avançou sobre calçada onde ela estava

As pessoas com algum tipo de deficiência não precisam de nossa compaixão, mas sim de estímulo, de oportunidade, de integração. Quando pararmos de ter medo de interagir com alguém que perdeu uma perna, de ficarmos receosos ao oferecer ajuda a um deficiente visual ou a ignorar aqueles que tenham alguma deficiência mental, como se eles não fossem humanos é que estas pessoas terão a atenção que merecem. Aí sim os atletas paraolímpicos terão uma torcida tão grande como a das Olimpíadas. Veremos comentários sobre os recordes alcançados, teremos acesso aos jogos em mídia aberta e tudo o vemos não será mais uma novidade distante, mas parte

de nossa formação e orgulho. Quando isto acontecer, perceberemos que nós que temos que aprender com estes atletas, pois a frase do Barão de Coubertin “o importante não é ganhar uma medalha, mas simplesmente competir” tem muito mais sentido para eles que não abandonariam jamais uma medalha de bronze no pódio, uma vez que ser capaz de levantar sozinho a cabeça e conquistar a autonomia de ser um atleta tem muito mais valor em suas vidas.



Tirinha

